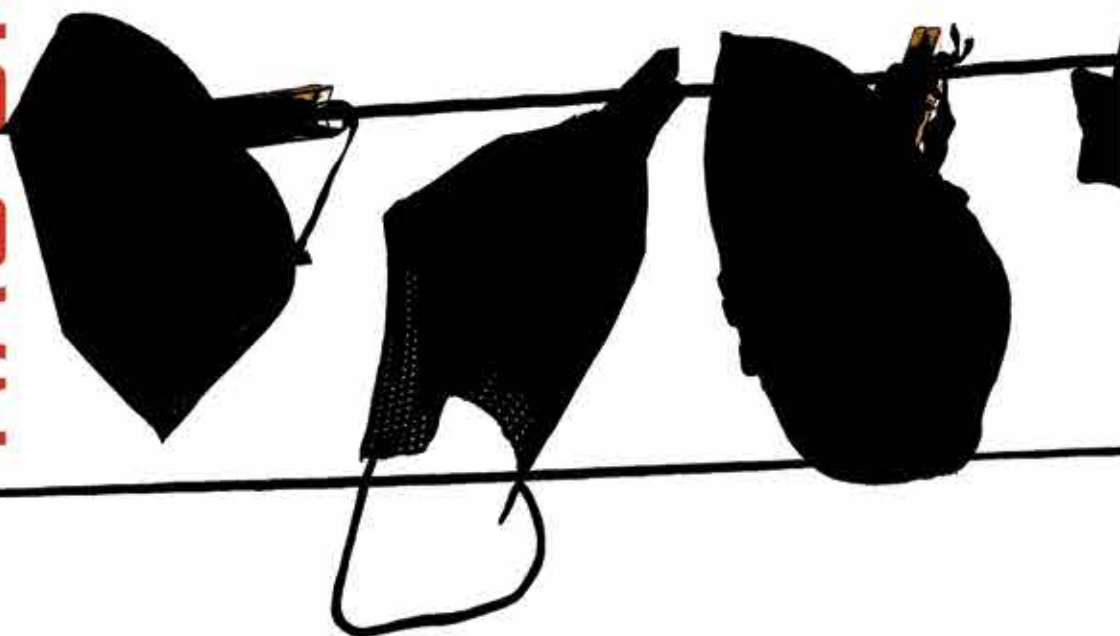


MARCELO SANDMANN

NÃO CICATRIZA

NÃO CICATRIZA





MARCELO SANDMANN nasceu em Curitiba, em 1963. Publicou os livros de poesia *Lirico renitente* (7Letras, 2000; 2ª ed. 2012), *Criptógrafo amador* (Medusa, 2006), *Na franja dos dias* (7Letras, 2012), *A fio* (7Letras, 2014) *Sangue na guelra* (7Letras, 2016) e *Antologia poética* (Kotter/Ateliê, 2017). Organizou o livro de ensaios *A pau a pedra a fogo a pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski*, editado pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná em 2010. É também autor de canções, reunidas nos CDs *Cantos da palavra* (1998), com Benito Rodríguez, Sílvia Contursi e Paulo Brandão; *Conselho do bom* (2014), com Cláudio Menandro e Benito Rodriguez; e *No silêncio da canção* (2014), do grupo ZiriGdansk.

FOTO: JOÃO DEBS

Imagino que várias orelhas já devem ter começado assim, mas não consigo fugir do lugar-comum: este livro precisa de bula. O que devo saber antes de utilizar este livro? Quais os males que este livro pode causar? Parece coisa inofensiva: é curtinho, quase coloquial, até provoca diversão como efeito colateral imediato. Foi num *upa* que fiz minha primeira leitura. Que imprudência: depois de alguns minutos, meu estômago embrulhou, minha condição humana foi reduzida a frangalhos, poemas transformados em *memes* controlaram o que restou da minha atividade neuronal. É necessário alertar: dentro de sua cápsula de delicadeza extrema este livro contém uma violência incandescente. Beleza assustadora. Poesia no duro, na “dura treva” (e foi escrito antes da pandemia). Marcelo Sandmann – que “está com a macaca” – já disse que na criação seu trabalho maior é o corte. Corta palavras. Fica só o talo. Fica só o corte. Este livro corta tudo que sobrou nos seus brilhantes livros anteriores. Como se fosse possível. E é. Fica só o sangue, muito sangue, bulindo, zunindo “como tiro ao pé do ouvido”. Cicatriza mesmo não.

Hermano Vianna

NÃO CICATRIZA

Marcelo Sandmann

Curitiba, 2021



Marcelo Sandmann, 2021.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9. 610 de 19. 02. 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, da editora.

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Sálvio Nienkötter

EDITOR-EXECUTIVO: Raul K. Souza

EDITORES-ADJUNTOS: Daniel Osiecki, Francieli Cunico e Claudedir de Oliveira Rocha

CAPA: Jussara Salazar

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Cintia Belloc

REVISÃO: Claudia Ortiz

FOTOS CAPA: Francisco Sandmann

FOTO ORELHA: João Debs

PRODUÇÃO: Tatjane Garcia Albach e Cristiane Nienkötter

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Andreia de Almeida CRB-8/7889

Sandmann, Marcelo

Não cicatriza / Marcelo Sandmann – Curitiba: Kotter Editorial, 2021.

104 p.

ISBN 978-65-89624-68-4

1. Poesia brasileira I. Título

21-3152

CDD B869.1

Kotter Editorial

Rua das Cerejeiras | 194

82.7700-510 | Curitiba | Paraná

+55 (41) 3585-5161

www.kotter.com.br | contato@kotter.com.br

*para Antônio José Sandmann,
meu pai,
em memória*

SUMÁRIO

QUASE NÃO DURA MUITO TEMPO OU UMA LÍRICA DE GUERRA • 11

Carlos Dala Stella

PALAVRA “SANGUE” • 15

SOBRE AS ÁGUAS • 17

EIXO • 18

DE MEU PAI • 20

ÓRFÃO DE ORFEU • 21

NA BOCA DE BACO • 22

MANTRA • 23

EIS O OFÍCIO • 24

NÃO CICATRIZA • 25

PALAVRAS NA BOCA • 26

UM MILÊNIO DE SILÊNCIOS, POR FAVOR! • 28

DE DENTRO DO CANSAÇO • 29

QUANDO • 30

FICA VOCÊ • 31

TERMINAL • 32

AINDA NÃO (aviso aos navegantes) • 33

SE MORRER FOSSE FÁCIL • 34

DUAS METADES • 36

PERMUTÁVEIS • 37

ENTRE (novas voltas sobre mote de Leminski) • 38

O PÁSSARO DA VOZ • 39

MASCARADA • 40

FALEMOS • 41

COMÉDIA DE ERROS • 42

ELE DISSE ELA DISSE (treslendo cummings) • 43

FLOR DE CÁCTUS • 45

DOIS SONETILHOS • 46

AMOR CHEGA E VAI EMBORA • 48

DE LÁ (*take 1*) • 49

ESTE AMOR • 50

DE LÁ (*take 2*) • 51

HÍFEN • 52

MARCELO SANDMANN NÃO ESTÁ NO FACEBOOK • 54

SETEMBRO, TEM PENA DE MIM! • 56

E AÍ VOCÊ DESCOBRE QUE ESTÁ MORTO • 57

RATO MORTO (*take 1*) • 59

RATO MORTO (*take 2*) • 60

UM BARALHO, QUATRO CANALHAS E UMA GARRAFA DE CONHAQUE • 61

BONECA, JORNAIS & PANOS (três variações) • 63

AMY AMY AMY • 65

HEY JOE VARIATIONS • 67

HAYDN • 68

AOS TRANCOS E BARRANCOS • 69

D'ANTANHO • 70

PRIMEIRA COMUNHÃO (Alto da Glória) • 72
BEM-VINDO À VIDA! • 74
O APOCALIPSE NOSSO DE CADA DIA • 75
LOUÇA SUJA • 76
SAMYAMA • 78
COM O VENTO • 80
VAE VICTIS! • 81
MINIMA MORALIA • 82
MAR DE ALZHEIMER • 83
SEM SABER (ready-made) • 84
CANTO E REDENÇÃO • 85
OUTRA VEZ • 86
SAMÁDHI • 87
PERMEAR • 88
MÃOS ENCARDIDAS (alma límpida) • 89
PISCINA • 90
NO CENTRO DA CASA • 91
MÚSICA IMPOSSÍVEL • 92
QUASE FELIZ • 94
DE ESGUELHA • 95
BEIJA-FLOR • 96
TRÊS PEQUENOS ARRANJOS • 97
DOIS EPIGRAMAS VENEZIANOS (treslendo Goethe) • 99
AS MONTANHAS, O MAR, AS CIDADES (e uma breve contrição) • 100

QUASE NÃO DURA MUITO TEMPO OU UMA LÍRICA DE GUERRA

Não cicatriza responde à dureza do tempo presente com uma sobriedade igualmente violenta, negando-se no entanto a toda sorte de excessos. Seus poemas são justos, dolorosamente justos. Não se espere encontrar neles delicadezas; é de fatalidades que eles são feitos.

Os verbos avultam, duros, ásperos, austeros. São eles que muitas vezes guiam os versos em verticalidades que procuram compatibilizar a dureza do mundo a uma certa suavidade áspera com que seria possível apreendê-lo. Mas essa suavidade entrevista está sempre fora de alcance. Como se houvesse um comprazimento vigilante em romper “o fino fio que liga o corpo à fantasia”, à qual a vida, o cruento da vida, se opõe.

Nesses poemas, cada palavra é uma pedra; somos convidados portanto a “mastigar palavras/para que quebrem os dentes”. Tudo passa por esse processo de inversão, não é mais “com palavras que se faz um poema,/ mas com o que está/no avesso delas”.

Até que o humor dê o ar de sua graça, abrandando esse tensionamento contínuo. Mas mesmo o humor divide parede e meia com a ironia, como nos poucos poemas que tratam do amor, a anos-luz de serem sentimentais: “Meu amor é cactus:/eu deixo de pôr água,/ logo ele floresce”.

Por um momento somos tentados a ver dualidades no decorrer dos poemas, como se o poeta estivesse investigando o que vai de permeio, “entre o sopro/e o apagar da vela”, “entre o tiro/e o tombar da presa”, “entre a vida/e o viver deveras”. Mas não é nesse inter-regno que o essencial se dá.

Tematicamente, a essência é esse desabrigo constante, chegando pela tevê, pela internet, pelas janelas, pelas paredes que dividem os apartamentos, ao qual só é possível reagir promovendo um permanente esvaziamento do sentido instituído, incluído o das figuras de linguagem. Decorre dessa atitude uma lírica de guerra, de contínuo estado de alerta, com o mundo que nos cerca e com o poeta ele mesmo.

Do ponto de vista da artesanaria, o essencial está mesmo à superfície, na justeza da manipulação das palavras, nos cortes exatos, nas sínteses irrevogáveis. Cada poema é um corpo verbal de sentir e pensar, com estrutura própria, autônomos todos, mas imbuídos da mesma dinâmica e do mesmo rigor.

O resultado são poemas de uma lucidez sem remédio, sem consolo, poemas que celebram a vida no ato em que ela se dá, nem no passado, como lembrança, nem no futuro, como desejo.

O passado está presente, sim, nos poemas sobre o Alzheimer do pai, mas é no presente que a desolação do abandono involuntário

pode ser reparada, não como consolo, que o poeta despreza, mas como reparação verbal de uma realidade dolorosa e fugidia.

Também o futuro aparece, às vezes, mas sempre como a miragem de um nirvana momentâneo, quando o corpo “abraça o mar” e a alma finalmente dá-se “límpida/como um lago/ao pé da serra”. Sempre a água, como símbolo desse apaziguamento momentaneamente possível, mesmo a água da piscina, com cloro, azulejos sujos, e o “sabor de outros corpos,/seus sonhos e secreções”.

Como o poeta é também músico, autor de canções, a música, a par da água doce e salgada, instaura, igualmente, uma reparação das perdas, criando um novo espaço “por dentro, melhor de habitar este tempo e lugar”.

Graças a essa reparação, seja pela música, seja pela natureza, é possível ser “quase feliz”. Mas quase não dura muito tempo. O que fica é o poder reparador da vastidão de nosso pequeno mundo pela palavra. Com ela, embora a vida seja ferida que arde, “ardendo/cicatrizada”.

Carlos Dala Stella

PALAVRA “SANGUE”

Não sou homem de pedir socorro.

Mordo a língua,
trinco os dentes,
mordo os lábios.

Apanho pedras,
com que esfrego as feridas.

Este golpe no flanco?
Foi minha mão.
 (“Comigo me desavim,
sou posto em todo perigo...”)
Eu mesmo meu melhor inimigo.

Mas se caio, levanto.
E com perna quebrada,
fogo no estômago,
olho vazado,
pau vertendo pus,
eu sigo caminho.

Não sou homem de pedir socorro.

Mordo a língua,
trinco os dentes,
mordo os lábios.

Engulo com gosto a palavra “sangue”.

SOBRE AS ÁGUAS

Deito-me sobre as águas,
onde o vento é lençol macio
e resiste
às garras do sol.

Quem faz a cama entre as ondas
sabe o sal
que lhe convém.

Sabe das correntes frias
que sobem do fundo
e cortam o corpo em dois.

Metade de mim olha o céu,
pinta pássaros
nas nuvens,
inventa vestígios de Deus.

A outra,
roça peixes e pedras,
segreda sonhos às conchas,
converte medusas em luz.

EIXO

Há um eixo vertical
que liga a boca ao ânus.

Eixo em torno do qual
dançamos.

Eixo de voragens,
eixo
de vertigens.

Eixo que toca o Céu
como a estaca
de Odisseu
fere firme Polifemo.

(Dentro do olho ébrio,
fundo
no olho turvo,

agora gárgula a babujar
versos
de sangue.)

Há um eixo vertical
que liga a boca ao ânus.

Eixo
em torno do qual
cantamos.

DE MEU PAI

De meu pai penso que herdei
a verticalidade.

(Quando sobre os ombros
despenca
o imenso peso do mundo.)

E o jeito suave
de ser
austero e
duro.

ÓRFÃO DE ORFEU

É minha a ciência dos desertos,
este desejo de devastação.

Deito-me num leito de pedras,
ordeno ao fogo que semeie a treva,
e aguardo as águas
com sua erosão.

Como alguém que mói um trigo antigo,
ou rói, atrás da porta,
um naco de pão,
eu exerço, humildemente,
o meu ofício.

Órfão de Orfeu,
tocador de flauta sem alento,
tangedor de lira desencordada,
voz que vai afogada no vento,

celebro a vida
e seu olvido.

NA BOCA DE BACO

Já não bebo. Nem vinho.
Agora só bebo
vinho,
quando leio a palavra “vinho”
na boca de Baco.

Há um prazer de uvas pensas,
maduras,
sumarentas,
aquém dos sentidos.

Prazer de quem, calado,
se senta à própria sombra,
fita fixo o vazio
e goza!

MANTRA

O que quer que seja
O que quer que chegue
O que quer que caia
Aqui na rede

O que quer que perto
O que quer que longe
O que quer que paire
No horizonte

O que quer que tarde
O que quer que cedo
O que quer que sempre
Em segredo

O que quer que dúbio
O que quer que certo
O que quer que tudo
Em aberto

EIS O OFÍCIO

do poeta)

fazer sua língua
língua estrangeira
eis o ofício) e
nessa língua
buscar seu exílio
(do poeta
mesmo o asilo
negado (eis
o ofício) o
visto indeferido

a língua
materna (do poeta
fazê-la madrasta
fazê-la pedestre
(eis o ofício
caminhar no
deserto sem
mapa ou (do
poeta) destino
viver em perigo

(eis o ofício

NÃO CICATRIZA

para Norma Müller

Escrever como quem saca
uma faca
e fere de morte
a pessoa amada.

Escrever como quem
pronto socorre,
aninha no colo,
pensa as feridas.

Escrever o que corta,
o que cura,
o que não cicatriza.

PALAVRAS NA BOCA

1.

Mastigar palavras
até que quebrem nos dentes
e se dissolvam:

areia fina sobre a língua,
que o hálito inflama,
saliva vem fermentar.

2.

Mastigar palavras
para que quebrem os dentes:

cacos caindo da boca,
granizo,
estilhas no chão.

3.

Engolir palavras sem mastigá-las:

cada palavra, pedra
aflita,

que rasga a garganta,
se enche de sangue,
sufoca o coração.

UM MILÊNIO DE SILÊNCIOS, POR FAVOR!

para Carlos Dala Stella

Silêncio é matéria rara:
matéria-prima do poeta.

Não é com palavras que se faz um poema,
mas com o que está
no avesso delas.

Aquilo que cala quando se fala.
Aquilo que escapa
ao que se escreve.

(O que se esvai
no sumidouro entre as sílabas.)

DE DENTRO DO CANSAÇO

Escrevo de dentro do cansaço,
onde as horas já não sangram
e o torpor
é toda uma liturgia.

Nada a dizer,
a não ser o mesmo “não”,
“não”, “não”,
ininterruptamente.

O vento fere frio a janela
e um cão ladra ao largo
em triste acalanto.

Hora de sair de cena,
ator num palco empoeirado,
sem cachê, direção,
luz
ou aplauso.

QUANDO

Quando você habita território inviolável,
mas violento,
que te viola.

Quando você sabe que o mal que te assola
vem de dentro,
não de fora.

Quando tudo tem a medida do infinito,
mas você jaz,
aqui,
limitado granito.

Quando a vida canta em aberto,
e você se tranca por dentro,
perde a chave,
vive o deserto.

FICA VOCÊ

Fica aquele incêndio,
ressentido,
sob as cinzas.

A palavra apagada
no verso
que se escreve.

O olho vazado,
o sangue pisado,
dentro do espelho.

Sobretudo fica você,
à espera do dia
que terminou.

TERMINAL

Tenho aqui a minha febre:
um fogo escondido
que não cedo a ninguém.

Tenho aqui estes
morangos mofados,
que tiro da geladeira
e enfio no lixo.

Tenho aqui este tratado de metafísica
que nunca escreverei.

Tenho aqui a minha úlcera,
que cevo,
dia sim,
dia também.

Poeta terminal,
aciono a descarga,
apago a luz
e faço o sinal da cruz.

(Mas não digo amém!)

AINDA NÃO

(aviso aos navegantes)

Não, meu caro,
ainda não.

O sol segue firme no céu,
a brisa é doce carícia
e o jasmineiro
está que é um escândalo.

Beba um copo d'água,
releia os livros do poeta preferido
e lembre-se:

apesar das tremendas provas em contrário,

viver é preciso!

(Não, ainda não,
meu caro,
ainda
não.)

SE MORRER FOSSE FÁCIL

Se morrer fosse fácil
como dar a descarga,
eu não hesitaria.

Sentado no vaso sanitário,
penso no dia que começa
e logo mais terá seu fim.

O que faz com que alguém não desista,
com que um homem insista:
a mesma manhã,
a mesma tarde depois,
horas que vão pelos dias,
dias que vão pelos meses,
meses que vão pelos anos,
como excrementos pelo cano?

Ponho água para ferver,
passo manteiga no pão,
deixo intacto o jornal.

Sabiás fizeram ninho
num dos vasos da varanda.

Gerânios explodem
em verde e vermelho.
Um *andante* de Galuppi
não me sai dos ouvidos.

(Lembro de repente de meu pai,
barbeado e bem disposto,
às seis horas da manhã.

Cantando singela cantiga,
ele acende a luz de nosso quarto,
acorda a todos com gosto.)

Bebo um gole de café,
leio sem pressa o jornal,
dou uma mordida no pão,
mastigo, mastigo,
mastigo.

Lá fora está frio e nublado,
mas a previsão para o dia
é de sol e remissão.

DUAS METADES

1.

No espelho do quarto,
rosto cindido,
as duas metades da manhã:
a que emerge da noite
e a outra, já sol a pino.

2.

Na mesa da copa,
fruto partido,
as duas metades da maçã:
a que se agarra ao galho
e a outra, murcha no chão.

PERMUTÁVEIS

Escrita como rasura

Beijo como faca

Boca como ânus

Pluma como pedra

Fala como fratura

Vulva como válvula

Língua como áspide

Palma como prego

Corpo como clausura

Estrume como rosa

Gárgula como fossa

Máscara como pele

Alma como fissura

Medo como fósforo

Chave como lacre

Fogo como lepra

ENTRE

(novas voltas sobre mote de Leminski)

entre o sopro

e o apagar da vela

entre o tiro

e o tombar da presa

entre a onda

e o quebrar na pedra

entre o sono

e sonhar centelhas

entre a noite

e a manhã desperta

entre o brilho

e o morrer da estrela

entre a vida

e viver deveras

O PÁSSARO DA VOZ

para Leila Pinheiro

Esse pássaro que passa
Pela voz quando se canta

Essa voz que se compassa
E no canto se decanta

Esse canto que tem asa
E se alça contra o vento

Essa asa que se espraia
Sobre o azul, sobre o cinzento

Sobre o sol que se dissolve
De oriente a ocidente

Sol que em lua se resolve
Lua nova já crescente

Com seu halo de alegria
Com seu toque de quebranto

Eis no céu da fantasia
Teu fervor, meu acalanto

MASCARADA

Desespero brando
Sono azul sem mácula
Alma encharcada de cinzas
Música ensimesmada

Palavras rarefeitas
Pardais aos pingos d'água
Alicate aberto em pétalas
Lâmina alucinada

Encantamento triste
Sentimento obtuso
Águas sempre turvas
Flores desvairadas

Vinho veemente
Segredo gritando pedra
Musa sem escrúpulos
Tola mascarada

FALEMOS

Ah, minha Musa!

Pois falemos de coisas amenas:

da tarde invertebrada,
da poça de sangue na calçada,
do amor que anda tão morno,
desta pedra no rim.

Mas falemos, minha Musa!

Ao menos falemos:

enquanto a noite tarda,
o amor não acaba,
o sangue segue seu curso,
a dor me distrai de mim.

COMÉDIA DE ERROS

Nosso amor:
comédia de erros.

Você sai por uma porta,
eu entro pela outra.

Você sobe pela escada,
eu desço
pelo alçapão.

ELE DISSE ELA DISSE

(treslendo cummings)

*para Adalberto Müller,
Mario Domingues
e Mauricio Cardozo*

posso provar? ele disse
(vou gritar ela disse
a casquinha ele disse)
faz cosquinha ela disse

(posso tocar? ele disse
vai demorar? ela disse
certamente ele disse)
vá em frente ela disse

(pois vamos ele disse
não tão longe ela disse
onde é longe? ele disse
onde estamos ela disse)

posso ficar? ele disse
(como está? ela disse
desse jeito ele disse
quero um beijo ela disse

posso pôr? ele disse
é amor? ela disse)
se calhar ele disse
(de matar ela disse

a vida quer ele disse
e tua mulher? ela disse
já! ele disse)
ah! ela disse

(maravilha ele disse
siga a trilha ela disse
vai chegar ele disse)
devagar ela disse

(qqqqe tal? ele disse
uaaaau!!! ela disse)
minha deusa! ele disse
(é Meu ela disse)

FLOR DE CÁCTUS

Meu amor é cactus:
você deixa de pôr água,
logo ele floresce.

*

Teu amor é cactus:
eu deixo de pôr água,
logo ele floresce.

DOIS SONETILHOS

(Ele:)

Surdo e cego
Mal comigo
Te persigo
Não sossego

Me embriago
Dobro o jogo
Boto fogo
Faço estrago

Mas se rogo
Nessa briga
Tanta praga

Logo logro
Minha amiga
Tua paga

*

(Ela:)

Tua praga
Meu amigo
Puro logro

Quanto à paga
Antes digo
Abra o jogo

Não te rogo
Que divague
Que te engasgue
Fale logo

Na refrega
Esta amiga
Nem se intriga
Nem se entrega

AMOR CHEGA E VAI EMBORA

Amor chega pela porta dos fundos,
tropeça na escada,
deita vinho no lençol,
deixa a torneira pingando a noite toda.

De manhã, põe flores no vaso,
escancara as janelas,
prepara o café,
solta os cachorros no jardim.

De repente, amor vai embora!

Foge pra longe.
E manda mensagens em branco,
que a gente lê
e finge entender.

DE LÁ

(take 1)

Teria que vir de lá
o aceno,
ou a carta de despedida.

Tudo,
menos o silêncio.

Amor vem bulir aqui,
ausente,
sempre presente.

ESTE AMOR

Este amor não quer sumir.

Fica zunindo,
como tiro ao pé do ouvido
pela mão que vacilou.

DE LÁ *(take 2)*

Teria que vir de lá
o aceno,
ou a carta de despedida.

Tudo,
menos o silêncio.

Amor vem bulir aqui,
presente,
sempre ausente.

HÍFEN

para Larissa Malhovano Sanchez

“Foto do pôr do sol ainda tem hífen?”

Há maravilhas que se dizem assim,
espontaneamente,
às duas da manhã,
em conversa amiga
numa rede social.

“Acho que não”,
poderia ter dito,
mas daí eu teria mentido,

que aquele barco atravessado na praia
era um traço firme na paisagem,
a orientar o sol
para que descesse tranquilo
sem riscos
de encalhar.

Ou talvez o “hífen”
fosse justo
o que não foi dito:
o pássaro que escapou da câmera

e que teria pousado na foto
instantes depois.

“Juntamente”, diz o dicionário,
é o que significa,
um advérbio grego.

E com este subterfúgio etimológico,
despeço-me de minha amiga,
desligo o *laptop*
e encerro o poema.

MARCELO SANDMANN NÃO ESTÁ NO FACEBOOK

“P.S. Eu tenho um novo plano: enlouquecer.”

(Fiódor, ao irmão Mikhail)

Marcelo Sandmann não está no Facebook

Marcelo Sandmann não está no Twitter

Marcelo Sandmann não está no Tinder

Marcelo Sandmann está com a macaca

Marcelo Sandmann resolveu dar um tempo

Marcelo Sandmann vai fechar pra balanço

Marcelo Sandmann saiu hoje de férias

Marcelo Sandmann está pra lá de Marrakech

Marcelo Sandmann não torce pro “timão”

Marcelo Sandmann não bebe “a número 1”

Marcelo Sandmann não quer bacalhau

Marcelo Sandmann vai fazer uma fezinha

Marcelo Sandmann engoliu seu voto

Marcelo Sandmann disse a que veio mas não veio

Marcelo Sandmann fez xixi nos vasilhos

Marcelo Sandmann quer se jogar da janela

Marcelo Sandmann não curte pancadão
Marcelo Sandmann não pula carnaval
Marcelo Sandmann é bom da cabeça
Marcelo Sandmann é firme do pé

Marcelo Sandmann cancelou o cartão
Marcelo Sandmann picotou o crachá
Marcelo Sandmann fumou o diploma de Letras
Marcelo Sandmann foi morar na Ilha do Mel

Marcelo Sandmann *n'est pas une pipe*
Marcelo Sandmann *is only rock'n'roll*
Marcelo Sandmann? *Yes, he can't!*
Marcelo Sandmann's Lonely Hearts Club Band

SETEMBRO, TEM PENA DE MIM!

E setembro já vai pelo meio.
Mas pra onde vai setembro?
E por que tanta pressa, setembro?

Pulamos outubro, já somos novembro.
E dezembro, janeiro, fevereiro...
Mal começam, já vão derradeiros!

*São as águas de março
fechando o verão.
Bate muito depressa
este meu coração.*

E abril, alguém viu?
Pois é maio e desmaio de novo.
Junho é julho, e que baita desgosto:
acabou de acabar este agosto!

E te encontro de novo, setembro.
E já vai outra vez pelo meio.
Mas por que tanta pressa, setembro?

— Setembro, tem pena de mim!

E AÍ VOCÊ DESCOBRE QUE ESTÁ MORTO

Flores no canteiro
Terra sobre a relva
Galhos reclinados
Sol por entre os galhos
Folhas sobre as folhas
Fruto debicado
Sombras pelas pedras
Risos no portão

— E aí você descobre que está morto

Prato sobre a mesa
Faca sobre o prato
Garfo com a faca
Sal e guardanapo
Copo de cerveja
Chuva na janela
Carne sobre a chapa
Chapa no fogão

— E aí você descobre que está morto

Livros pela cama
Cinzas numa xícara
Gato no tapete
Manchas no lençol
Vento nas cortinas
Vozes pela casa
Luzes na varanda
Roupas pelo chão

— E aí você descobre que está morto

(Bem morto!)

RATO MORTO

(take 1)

De costas para o céu,
você se agacha na calçada.
Sabe que o rato morto
é apenas um rato morto.
Ao cutucá-lo com o dedo,
desfez-se a metáfora.

Debaixo do semáforo,
um homem negro, velho
desfia seu rosário.
No trânsito intenso,
ninguém se detém.

O motoboy ataca de repente.
Corta em zigue-zague
e entra à esquerda,
na contramão.
Buzina para as pernas da menina
e acelera.

(Pensando bem,
rato morto
pode ser metonímia.)

RATO MORTO

(*take 2*)

De costas para o céu,
você se agacha na calçada.
Sabe que o rato morto
é apenas um rato morto.
Ao cutucá-lo com o dedo,
desfez-se a metáfora.

Debaixo do semáforo,
um homem negro, cego
desfia seu rosário.
No trânsito intenso,
ninguém se detém.

O motoboy ataca de repente.
Corta em zague-zigue,
e entra à direita,
na contramão.
Buzina para os peitos da menina
e acelera.

(Um rato morto é um rato morto
é um rato morto.)

UM BARALHO, QUATRO CANALHAS E UMA GARRAFA DE CONHAQUE

A este coube
embaralhar as cartas.
Àquele, cortar
e ajeitar o monte.

Então, o terceiro
comprou.
O quarto comprou.
Comprou também o primeiro.
E aquele que veio
depois do primeiro.

Agora é ver
quem tirou o ás de ouros.
Quem, a dama
de copas.
Quem, o sete de espadas.
Quem,
o dois de paus.

O vencedor leva o resto da garrafa,
o dinheiro das apostas

e um tiro pelas costas
assim
que deixar o recinto.

*

Moral da história?
Diga você, querido leitor.

BONECA, JORNAIS & PANOS

(três variações)

1.

boneca sem braços
nem pernas
numa caixa de papelão

pilha de jornais velhos
sobre estante de metal
enferrujada
cheia de pó
em pé
no meio da sala

panos de chão pendurados no varal
sujos de sangue
ao vento
secando

2.

boneca sem pernas
nem braços no varal
pendurada

panos empilhados
sob estante de metal
sujos de sangue
em pé
no canto da sala

pilha de jornais velhos
numa caixa
enferrujada

3.

braços e pernas de boneca
sobre estante de metal
cheia de pó
enferrujada
em pé
no meio da sala

jornais sujos de sangue
secando ao vento
no varal

pilha de panos limpos
numa caixa de papelão
fechada
ainda

AMY AMY AMY

(although I've been here before)

A voz de alguém que caminhasse
sempre
à beira do abismo.

A voz de alguém que sempre,
à beira do abismo.

A voz que caminhasse,
à beira,
sempre.

A voz de alguém que,
sempre,
à beira.

O abismo,
a voz,
alguém que caminhasse.

A voz que sempre.

A voz, de alguém, à beira.

Alguém,
a voz que caminhasse.

Sempre.

A voz
do abismo.

HEY JOE VARIATIONS

*"I caught her messin'round with another man."
(na voz de Nick Cave)*

Hey Joe
Where you goin'
With that gun
In your hand

Hey Joe
Where you goin'
With your heart
In her hands

Hey Joe
Where you goin'
With your head
In their hands

HAYDN

para Sálvio Nienkotter

Haydn escrevia quartetos de cordas
como um sujeito qualquer
nos dias de hoje
(eu ou você)
frita ovos.

“Fritaste quantos ovos hoje, ó Jerusa?
Dois?”

Pois Haydn acabou de escrever
(agora, antes do almoço!),
mais quatro quartetos.

AOS TRANCOS E BARRANCOS

Aos trancos e barrancos,
tudo entra nos trinquês.
Bastam um ou dois truques
entre três ou mais drinques.

Aos trancos e barrancos,
nada acaba perdido.
Todos vão se safando,
tudo fica tinindo.

Aos trancos e barrancos,
bate à porta a Fortuna.
Eis que soa a matraca,
eis que chega a fatura.

D'ANTANHO

Gosto de estar com os meus.

(Meus calos,
minhas cólicas,
minhas culpas,
meus quilos a mais.)

Nada como vida em família!

Todo domingo é dia de igreja,
churrasco,
cerveja,
futebol,
pudim de leite,
licor,
café,
suicídio.

Hora de enterrar os ossos,
(ops!, ato falho),

de roer os mortos,
deitados na rede,

sentados na cadeira de balanço,
embrulhados no freezer.

Compenetrados,
todos assistem

FANTÁSTICO — O SHOW DA VIDA!!!

PRIMEIRA COMUNHÃO

(Alto da Glória)

Lembro de Padre Denis,
missionário americano
de sotaque carregado,
verberando pílula e aborto
do alto do púlpito da igreja
de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

(Um “alto” que fica “embaixo”,
pois a igreja,
em seu interior,
tem a forma de um anfiteatro.)

Sua boca trovejava,
seus olhos relampejavam,
caía sobre nós
uma chuva de enxofre e fogo.

Eu, menino,
me deixava encharcar
daquela santa algaravia.
Que força a da palavra
quando toda entusiasmada!

Pois descanse, saudoso Padre,
já não resta mais perigo.
Os anjos, aí no Céu,
não copulam
nem procriam.

BEM-VINDO À VIDA!

“Cadáver adiado que procria...”

(Fernando Pessoa)

Vou ferir você num só golpe
(uma única estocada),

que rompa o fino fio
que liga o corpo
à fantasia.

Pronto!

Agora você é apenas esse corpo,
que goza,
engorda
e envelhece.

Bem-vindo à vida,
amigo!

O APOCALIPSE NOSSO DE CADA DIA

O soco no estômago
quando levanto da cama.

A punhalada
enquanto faço o café.

O tiro na nuca
quando saio de casa.

A rajada de metralhadora
ao chegar ao trabalho.

O chão que se abre
ao sentar à minha mesa.

O choque do cometa
quando volto pra casa.

A trombeta do Anjo
enquanto preparo a sopa.

Os olhos de Lúcifer
quando deito na cama.

O Apocalipse nosso de cada dia.

LOUÇA SUJA

Louça suja pode ser
Simplesmente
Louça suja
Sem qualquer pretensão
De metáfora

(Assim como roupa
Suja
Pode ser
Simplesmente
Roupa suja
Sem
Maiores
Implicações
Jurídico-epistemológicas)

Simplesmente coisas sujas
Que a gente deixa ali
Na pia
No tanque
Ao relento
Ao léu

Esperando
Que alguém
Um dia
Lave ou
Leve

SAMYAMA

1.

O sol mal desperta
e a cidade se arregala.

Pelas ruas, motores
em monólogos apressados.

A vizinha de cima
aciona a descarga.

(Sentado em *padmāsana*,
posso começar.)

2.

Da geladeira e da janela,
ruídos indiscretos.

Na cabeça vazia,
o zumbido renitente.

E borborignos,
na barriga,
do jantar indigesto.

(Sentado em *padmāsana*,
posso começar.)

3.

Teclo o *mute*
no jornal da meia-noite.

Na tela,
homem de preto, mascarado,
faca na mão.

À frente,
outro em laranja,
ajoelhado.

(Sentado em *padmāsana*,
posso começar.)

COM O VENTO

Faço o inventário das coisas
que me chegam com o vento:

1. A tosse seca no apartamento vizinho.
2. O cheiro de carne queimada
nos trigais da Ucrânia.
3. A centrífuga da máquina de lavar em movimento.
4. Um cão latindo longe, aflito.
5. Gritos de crianças
nas vielas de Gaza.
6. O cravo perfurando a mão esquerda de Cristo.

(Coisas que me chegam
numa tarde de desabrigo.)

VAE VICTIS!

*para Guilherme Gontijo Flores,
em colóquio com suas Tróíades*

São nossos os ossos
com que acendem o fogo
em meio ao descampado.

Nossas as vísceras
que cham no tacho.

É grande a fome dos guerreiros.

Em copos de glória,
eles bebem nosso sangue,
cantam hinos, embevecidos,
e se atiram sobre nossas mulheres.

Depois se achegam,
os membros entorpecidos,
a fome redobrada.

Em breve terão partido.

Mas nós restaremos
(e nossos gritos),
inscritos
num livro de névoa.

MINIMA MORALIA

O bom
de se ter um Inimigo
é que tudo se aclara.

A vida ganha nitidez.
Nossas contradições
se dissolvem.

Ficamos coerentes.
As certezas
retornam.

Reencontramos a linha reta.
Achamos um alvo
para a mira.

Enfim, voltamos ao caminho do Bem.

(Agora, só precisamos definir o Bem.)

MAR DE ALZHEIMER

Aqui e ali,
algumas poucas ilhas tristes,
com seus rochedos duros,
sem verde,
amontoados
de conchas e cascalhos.

No céu, pássaros empalhados,
paralisados em pleno voo,
mergulham
em águas turvas,

trazendo de lá,
engasgados na garganta,
peixes em conserva.

Peixes que falam língua escura,
que falam língua nenhuma,
vocabulário de perdas.

SEM SABER

(ready-made)

“São ruídos na cabeça,

borboletas fora
do campo
de visão,

coisas que se sabe
sem saber.”

CANTO E REDENÇÃO

*“Redemption songs,
redemption songs...”*
(Bob Marley)

Da noite entreaberta,
caem anjos
desfigurados.

O céu é um lugar
de horror
e martírio.

Só na palma da terra,

pode haver canto
e redenção.

OUTRA VEZ

Outra vez
sempre o mesmo
começo.

Outra vez,
do começo.

Outra vez,
eu começo.

Outro,
sempre outro,

outra vez.

SAMÁDHI

A noite chega pela
boca do pássaro,

sussurra seu canto
às folhas dos galhos,

que sobem pelas costas,
roçam o pescoço

e explodem em flores
no topo da cabeça.

PERMEAR

Deixar-se permear,
corpo
que abraça o mar.

Conchas na boca,
algas na virilha,
pés sobre um casco
de tartaruga.

A lua agora mergulha,
o sol se espalha,

amor se aninha.

MÃOS ENCARDIDAS

(alma límpida)

Minhas mãos estão sempre encardidas.

Mas trago a alma límpida
como um lago
ao pé da serra.

Peixes vermelhos
nadam nele.

O vento
sopra baixinho.

Passo noites inteiras,
à beira d'água,
pescando.

PISCINA

Mesmo que o cloro me lembre
que tudo
é puro artifício,
gosto de estar na piscina.

Gosto de passar os dedos
no sujo dos azulejos,
abrir boca e narinas,
saber do sabor de outros corpos,
seus sonhos e secreções.

Gosto de nadar horas a fio.

Nos membros que ferem as águas,
na respiração ritmada,
no coração
que contrai e dilata,

vida se refaz.

NO CENTRO DA CASA

Deve haver, por certo, um modo
de estancar a solidão:

ferida aberta no centro da casa,
de onde escorre o que fui,
e entre os móveis e o que sou,
ardendo,
cicatrizada.

Deve haver, por certo, um modo
de lograr nova alegria:

escancarar bem as janelas,
arredar logo as cortinas
e deixar entrar o mar,
o sol,
a brisa.

MÚSICA IMPOSSÍVEL

Volto agora à casa de meu pai,
de onde nunca saí,
aonde nunca voltei.

É que ouço Beethoven,
baixinho,
nos fones de ouvido,
no aconchego do quarto,
com o aquecedor ligado,
às duas da manhã.

Não o Beethoven das sinfonias
que ele tanto amava,
com seus alegros
de tempestade e ímpeto,

mas o da justeza ponderada
dos adágios
das sonatas.

Ouçó, precisamente, o *adagio cantabile*
da Sonata nº 8 para piano,
opus 13,
em dó menor.

É tarde, faz frio, moro sozinho.
Preciso de conforto.

O conforto de uma música impossível,
uma música que vem
de muito longe,
de outro tempo e lugar.

Música que instaura,
agora, por dentro,
melhor modo de habitar
este tempo e lugar.

QUASE FELIZ

A Primavera é sempre a Primavera.

As flores pularam a janela
e vieram passear
pelo quarto.

Descubro um ninho
de passarinho
dentro do armário.

E um riacho que ri baixinho
debaixo
do colchão.

É brisa perfumada
o que sopra aqui no peito?

Pois hoje sou quase feliz.

DE ESGUELHA

De esguelha,
olhos gagos,
ouço o pássaro no galho,

que prorrompe,
rompe a noite,
asa em êxtase,
na tela,

ateia o novo dia.

BEIJA-FLOR

De onde vem o beija-flor?

Beija um pouquinho
aqui,
beija um pouquinho ali.

E se vai,
breve como veio.

TRÊS PEQUENOS ARRANJOS

para Marga Puntel

1.

palha & resina

sílabas

soltas

flores flébeis:

cra-

-le-

-go

encharcadas de húmus

em meio às

pedras

2.

água ou aguarrás?

rastro ou

rasura?

três incisões
delicadas
na tela

onde tudo
poreja

r u m o r e j a

3.

alçar ao ar
a ala
rara

(pétala que despetala)

segredos
que

vêm & vão

DOIS EPIGRAMAS VENEZIANOS

(treslendo Goethe)

I.

Pagãos ornavam de vida sarcófagos e urnas.
Faunos dançam em roda. Com o coro das bacantes,
Formam filas coloridas. Um gorducho de pés
Forcados arranca, selvagem, sons roucos de um chifre.
Címbalos, bombos ressoam. Vemos e ouvimos o mármore.
Pássaros adejam! Que esplêndido o fruto no bico!
Nenhum ruído os espanta, muito menos Amor,
Que na turba colorida se diverte com o facho.
Assim, abundância vence a morte. E as cinzas lá dentro
Brilham, no ermo calado, fruindo a vida ainda.
Pois cerquem, assim, um dia, o túmulo do poeta
Estas páginas, ricamente adornadas de vida.

II.

Mal eu avistei, no céu azul, o sol brilhando,
Rochedo abaixo, afortunado, de hera coroadado,
Vi o vinhateiro atar atento a vide ao choupo,
Sobre o berço de Virgílio, vento morno respirava:
Lá se reuniam já as Musas em amizade.
Larga conversa tivemos, como apraz ao andarilho.

AS MONTANHAS, O MAR, AS CIDADES (e uma breve contrição)

Você me levou para conhecer as montanhas
Nas manhãs frias de inverno
O caminho era árduo, a lama entrava nos sapatos
As raízes agarravam nossas pernas
Os galhos riscavam o rosto, os braços
Aquela subida íngreme que jamais tinha fim
Era sal e cansaço o que ali nos dizíamos
Eu, menino, tentando acompanhar a passada
Sem saber se era logro a alegria que você prometia
Mas depois, heróis felizes à luz do meio-dia
Nos ombros do gigante que havíamos prostrado
Contemplávamos o horizonte
E nosso prazer ainda mais se avivava
Na água fresca que bebíamos do cantil

Você me levou para conhecer o mar
Nos dias mais quentes do ano
O sol lambendo firme nossas costas
Caminhávamos dezenas de quilômetros
Na areia dura, na areia mole da praia
Molhando os pés, o rosto, as mãos
Você me dizia coisas que eu jamais saberia
Você que falava tão pouco, quase tanto quanto eu

Depois fazíamos o caminho de volta
Até o guarda-sol, que era aceno e limite
E então corríamos em direção ao mar
Penetrando as ondas, devassando as águas
Livres e felizes eu e você
Livres e felizes no corpo do mar

Você me levou para conhecer as cidades
De outros estados, de outros países
Longes Alemanhas, misteriosas Minas Gerais
E tantas e tantas e tantas mais
Em cada cidade sempre uma igreja
As muitas igrejas que visitamos
Circunspectos, reverentes, mirando os vitrais
As colunas, as abóbodas, o Cristo Crucificado
Sempre um santo a quem acender uma vela
A oração sincera no genuflexório
O sinal da cruz na entrada e na saída
E depois as praças, as ruas palmilhadas
O pão com presunto e queijo que a fome pedia
E o desejo de conquistar o mundo

*

Você me levou para conhecer o mundo
E eu, perdido nesse mesmo mundo
Vez ou outra venho visitar você

Da dura treva da velhice sem memória
Você me olha e não me reconhece
Ou mal me conhece, mas eu conheço você
“Filho, por que me abandonaste?”
Poderia dizer, não diz, jamais irá dizer
E a essa pergunta que por você eu me faço
Dolorosamente me faço
Insuportavelmente me faço
Eu calo a resposta aqui neste poema
Este poema que você não vai ler
Este poema que não vou escrever

Este livro foi composto em Lust Text,
sobre papel Pólen Bold 90 gr/m²,
no inverno de 2021, em Curitiba,
para Kotter Editorial.

ASISTAJIC D'AM

PROJETO REALIZADO COM RECURSOS DO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA E DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

EDIÇÃO



COORDENAÇÃO



INCENTIVO

UNINTER 



ISBN: 978-65-89624-68-4

